

## Representação mediática dos emigrantes portugueses na Europa Central em duas vagas migratórias, dois contextos de migração, entre formas diversas de produção audiovisual e de desenvolvimento tecnológico.

José da Silva Ribeiro

CEMRI – Media e Mediações Culturais, Universidade Aberta

### Abstract

*The main objective of this paper is to identify the representations of the Portuguese emigrant entrepreneurship of two migration waves of Portuguese emigration to Central Europe in the media (internet, documentaries ...). The first, concerning the 1960s and the actual one, which started at the end of the first decade of the XXI Century. This paper is a contribution to the Entrepreneurship project of Portuguese emigrants in Andorra, London, Nice and Monaco. However, it is evident an entrepreneurial attitude, though of risk, once these migrants are leaving their country, social, politically and economically backward compared to Central Europe: France, Luxembourg, Germany. Above all, we will give emphasis to the documentary film that accompanies this migration process, especially to France and currently on a Portuguese television show over the world as well as platforms and social networks - Facebook, which act in synergy with this television program. Between both representations there are deep changes in Portuguese society, in Europe, in the migration process and the means of production and audiovisual broadcasting. We understand the hugeness of the task we set ourselves, so this publication does not intend to be more than a first approach to the subject we hope to continue in future later works.*

**Keywords:** Migrants entrepreneurship, Representations, Documentary, Social networks

### Introdução

*Em Portugal a emigração não é, como em toda a parte, a transbordação de uma população que sobra, mas a fuga de uma população que sofre*  
Eça de Queiroz

Desde o filme *Le Saut* (1967, 88 min), primeiro filme de Christian de Chalonge<sup>1</sup>, que a emigração portuguesa para a Europa Central, sobretudo para França, tem sido objeto de representação cinematográfica. Inicialmente realizada por cineastas exteriores à comunidade portuguesa só a partir de 1977 com o filme *La crèche portugaise* (o presépio português) (1977) e *Chroniques d'émigrés* (1979) de Manuel Madeira os cineastas portugueses começam a orientar as câmaras para a comunidade portuguesa migrante. Sobretudo no Centro da Europa.

Não são alheios a este processo de representação cinematográfica da emigração portuguesa e, posteriormente, de autorrepresentação da emigração portuguesa, o facto de os primeiros cineastas exercerem sua profissão no âmbito do cinema, ou das

universidades que ensinam cinema como funcionários, docentes ou estudantes: Casos de Manuel Madeira, Cardoso Marques; a simpatia ou, pelo menos o interesse por Portugal e pela mudança social e política que se verificou a partir de 1974. A França adquiriu um particular relevo. Não são alheios a esta relevância a presença de alguns cineastas em Portugal - Philippe Constantini e Anna Glogowsky, à ação da embaixada de França e do Instituto Franco-Portugais - de salientar a ação do adido cultural Jacques d'Arthuys, à presença de Jean Rouch e à criação dos Ateliers Varan<sup>2</sup> (1981).

### Os primeiros Filmes

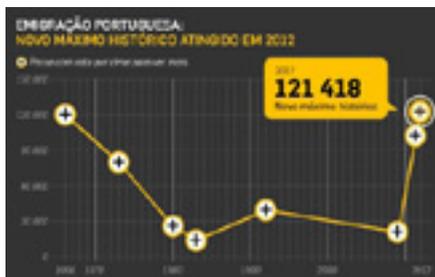


Figura 1. Fonte: Thoughts. Anotar os dias é torná-los notáveis

Os primeiros filmes realizados por cineastas exteriores à comunidade portuguesa são filmes militantes. Christian de Chalonge, era, na altura, militante comunista e assistente de Jean Renoir. O filme *Le Saut* (1967) é uma ficção a preto e branco que segue o percurso de um trabalhador português do Norte do País, marceneiro de profissão, que, depois de decidir migrar para Lisboa, recusando assim sair do país, acabou por tentar a sua sorte através na emigração. Incentivado pela carta de um amigo decide emigrar em plena guerra colonial e ir trabalhar para França. A maior parte do filme é rodada nos bidonvilles nos arredores de Paris onde habitavam os portugueses. O filme tornou-se emblemático e uma referência política. Os lugares filmados e o ponto de vista das dificuldades do percurso migratório (...) foram retomados frequentemente por outros cineastas. Esta primeira representação da imigração portuguesa em França – essencialmente social e política e orientada por um projeto de denúncia – revela a intenção de escrever uma história do presente, enunciada na legenda do início do filme – “Todos os dias, 300 portugueses passam a fronteira para uma viagem clandestina para procurar trabalho em França. Eles chamam à viagem o salto. O filme é inspirado em factos rigorosamente autênticos”. Quase

meio século depois o fluxo migratório de portugueses para o centro da Europa repete-se<sup>3</sup> - “O Reino Unido é o país para onde emigram mais portugueses: 30 mil em 2012 e 2013, o número de entradas de portugueses no Reino Unido cresceu 47%. Seguem-se, como principais destinos dos fluxos em 2013, a Suíça (20 mil), a França (18 mil) e a Alemanha (11 mil)<sup>4</sup>. Também o discurso sobre a emigração se repete embora noutras circunstâncias, noutras linguagens e através de outros meios de comunicação.

Por outro lado os lugares abandonados pelos migrantes portugueses e magrebinos, na periferia de Paris, são hoje ocupados por outros migrantes os Roms, ciganos romenos, “estranhos estrangeira” numa Europa intercultural. O cineasta português José Vieira encontrou este campo de refugiados por acaso, numa zona periférica de Paris, onde crescera e aí rodou o filme *Le bateau en carton* (2010) o filme desconstrói os estereótipos acerca deste grupo discriminado em toda a Europa. Talvez as experiências vividas nestes lugares e o contato com populações migrantes tenha permitido um olhar próximo destes migrantes, sensível às condições desumanas de habitação precária situada de lama. Como o refere:

C'est en passant sur l'autoroute que j'ai découvert cet étrange camp de réfugiés peuplés de Roms de Roumanie. Un bidonville au milieu des arbres, coincé au milieu des voies de l'autoroute A10. Un instant, j'ai cru voir un flash back. Mais ce n'était que l'actualité d'une histoire qui n'en finit pas, celle de gens obligés de tout quitter pour conjurer la pauvreté. Je voulais comprendre quel était cet exode, d'où venaient les gens qui habitaient là, qui étaient ces « Etranges étrangers » comme l'étaient jadis les Portugais et les Algériens dans les taudis autour de Paris. En les filmant, je voulais les rendre familiers pour détruire les préjugés que nous avons à leur égard et raconter un peu de leur histoire d'immigrés à la recherche d'une vie meilleure. José Vieira, Entrevista.

Registo semelhante ao de Chalonge é o de Robert Bozzi em *Temps des baraques*, 1970. Bozzi, porém, em *Les Gens des baraques* (1995) trata a emigração portuguesa em duas épocas diferentes – 1970 e 1995 e duas formas/tonalidades cinematográficas. Filma a mudança nas migrações e a mudança das alterações na forma de fazer cinema. Bozzi parte das imagens filmadas 25 anos antes, em *Temps des baraques*, 1970, no bidonville de Franc-Moisin, em Saint-Denis onde encontra numa barraca uma mãe e seu filho recém-nascido. Vinte e cinco anos depois o olhar da criança e de sua mãe persistiam na memória do cineasta. Esta imagem levaria a um percurso de pesquisa a partir da fotografia, primeiro em Paris e depois em Portugal e na Suíça até a identificação do agora jovem (25 anos) emigrante na Suíça, depois de ter crescido em Portugal. Duas gerações sucessivas de emigração – depois da emigração dos pais para França a emigração do filho, nascido em França e regressado a Portugal, para a Suíça. O filme contém formas inovadoras de relação com a comunidade estudada. Robert Bozzi, em *Les Gens des baraques*,

esboça uma crítica de olhar construído em torno do êxodo português propondo uma perspectiva histórica capaz de ultrapassar o discurso ideológico como os de le Sault e do seu próprio filme *Le Temps des baraques*. Depois de *Le Temps des baraques*, filme militante, *Les Gens des baraques* parte de uma relação emocional, a fotografia de uma mãe e do seu filho recém-nascido que havia registado no primeiro filme vinte e cinco anos antes. A fotografia apresentava os dois (mãe e filho) na cama, no interior de uma barraca, após ter dado à luz. Rejeita, no segundo filme, um olhar doutrinário procurando estabelecer uma relação mais pessoal com as pessoas que se deixam registar pela câmara, preferindo filmar a relação estabelecida. Passando assim além da fórmula encontrada em *Le Temps des baraques* em que “não sabia quem eram, nem mesmo o nome”. As imagens, fotografias e o filme são objeto de partilha com as populações locais e com pessoas filmadas na reconstituição da memória durante o processo de pesquisa. Há nesta situação uma lógica de apropriação emocional das imagens pelas pessoas filmadas, de integração das imagens das pessoas filmadas, de narrativa multissituada e construída a múltiplas vozes (gente vulgar, não os líderes políticos, nem a voz over do comentário).

Outros filmes, como *Portugaises d'origine* (1985) de Serge Godey são realizados por cineastas jovens que frequentam a universidade e se interessam pela comunidade portuguesa e com ela partilham interesses e lutas – considerado pelo realizador como uma possibilidade de dar a ver nosso olhar sobre nós-mesmo e outros. Por vezes envolvidos em causas como *Laurette et les autres*, um filme de Dominique Dante rodado em 1971, que aborda um movimento coletivo em França, à escala nacional, de apoio a Laurette Fonseca, exilada portuguesa em França ameaçada de repatriamento pelo governo francês. O filme como *Le Saut* descreve as condições de vida dos portugueses no bidonville de Massy, situado entre duas autoestradas, ao lado dos HLM e de uma estação elétrica mas sem eletricidade e tendo apenas um único ponto de abastecimento/distribuição de água. O filme descreve igualmente as dificuldades de inscrição/inserção desta comunidade de analfabetos (índice de analfabetismo) na sociedade francesa, o movimento de reivindicação de direitos sociais que ela incarna e sua impotência perante o trabalho de demolição das barracas pela autarquia. Como em *Le Sault*, trata-se de um filme militante que tenta traduzir as razões e as condições da vida da e/migração no contexto das sociedades capitalistas com a Guerra-fria como pano de fundo.

Os temas destas primeiras representações cinematográficas são sobretudo o salto, passagem clandestina para França, as difíceis condições de alojamento no país recetor, as longas jornadas de trabalho e persistente ideia de retorno, mais tarde retomados por José Vieira em *Gens du salto* (2005) coletânea de 6 filmes em que se abordam as histórias vividas de emigrantes que partiram de Portugal sem documentos, partidas silenciosas e impreparadas, povoadas de medos, de aventuras, de futuros

incertos, das dificuldades de regresso decorrentes da própria natureza da saída que só uma amnistia podia, por vezes, tornar legal o que vem a acontecer em 1974. Estas situações são descritas pela voz de seus interlocutores em *Gens du salto* (*La Photo déchirée, Chronique d'une émigration clandestine 52', Seixas, Paris, Londres 40', Les chants du deserteur 26', Complices d'évasion 14', Un aller simple 12', La traversée pour Paris 11'*). Há nesta coletânea novas abordagens na representação da emigração portuguesa para o centro da Europa. Embora se situem predominantemente em França há já referência a Londres, a persistente ideia de retorno, o regresso de emigrantes e sua (re)integração na sociedade portuguesa com um novo estatuto e com dinâmicas sociais de empreendedorismo: construção da casa e montagem de um negócio (bares, cafés, restaurantes, mini-mercados). Esta via vai ser desenvolvida por José Vieira em *Le Drôle Mai Chronique des années de boue* (2008) em que emigrantes portugueses, perante os acontecimentos de maio de 1968 explicitam os seus objetivos de emigração, a dificuldade de inserção nos movimentos sindicais franceses, a difícil situação de gestão de conflito de interesses entre seus objetivos e os da contestação estudantil e operária em França. O filme realizado quarenta anos após o maio de 68 traz-nos a voz apagada dos imigrantes portugueses habitantes dos bidonville acerca dos acontecimentos da época e embora “se exprimam pouco, de maneira surda” colocam a imigração portuguesa em França na história de um dos acontecimentos mais marcantes do século XX.

Os imigrantes portugueses tinham ido para a França para escapar à pobreza. Dedicavam seu tempo e suas forças na procura rápida de uma melhor situação económica. A revolta de maio constituía uma complexa situação que colocava em risco todos os seus propósitos resultante da decisão de emigrar – encontrar trabalho, angariar um pecúlio que os tirasse da miséria de onde partiram e criava situações embaraçosas resultantes da ameaça de serem de serem extraditados de França e de terem de regressar a Portugal de onde, em grande número, tinham saído clandestinamente (a salto). Os acontecimentos geraram, pois, junto dos portugueses o medo de serem mandado de volta à miséria que haviam deixado numa situação económica e política particularmente difícil e pior que a da situação de partida. Maio de 68 foi para os imigrantes portugueses um período de desordem, revolta, e perigo. Difícilmente compreendiam a revolta estudantil e suas palavras mobilizadoras, sua participação nos sindicatos era reduzida devido à posição dos sindicatos franceses em relação à imigração e à dificuldade de compreenderem as lutas sindicais. Os imigrantes portugueses eram, em Portugal, agricultores, do interior e norte do país, sem qualquer contato com movimentos operários, ou com o exterior (muitos dos migrantes tinham apenas saído de suas terras para cumprirem o serviço militar ou mais raramente para ocuparem os lugares de marçãos nas cidades mais próximas), católicos e conservadores, profundamente marcados pela ideologia do regime

do Estado Novo (Salazarismo). Em plena greve geral, dezenas de moradores dos bidonville, apenas alguns dos que estavam legalmente, regressaram de emergência a Portugal. Aquando dos acontecimentos do Maio de 68, a imigração portuguesa estava apenas começar a estabelecer-se em França. A maior onda de imigração que França conheceu começou em 1963. Em 1968, havia 300.000 portugueses em França.

Há, no entanto, alguns migrantes ou exilados políticos, militantes, intelectuais e artistas que acompanham e integram nos acontecimentos de maio de 68. José Vieira em *Le printemps de l'exil* (2009) apresentando três percursos de exilados políticos que participaram nos acontecimentos – o músico José Mário Branco, o cartoonista e pintor Vasco de Castro e o sociólogo, editor e professor universitário Fernando Pereira Marques através da visita a arquivos em França e dos testemunhos do regresso a Portugal após a queda da ditadura.

Em *Chronique de la renaissance d'un village* / Crónica do renascimento de uma aldeia (2013) José Vieira representa o povoamento de aldeias abandonadas pelos franceses e a reconstrução solidária de casas abandonadas, em estado de degradação e ameaçadas de desaparecimento. Os portugueses tornam-se a população maioritária em La Roche-Blanche, aldeia francesa de Auvergne, Clermont-Ferrand onde cultivam a vinha recuperam o património de uma comunidade vinhateira, sentem a aldeia como sua terra que os faz esquecer de Portugal. Como nos filmes anteriores o filme é construído em dois tempos justaposto – o tempo histórico das imagens de arquivo e o tempo de sua releitura ou dos relatos do percurso migratório e da decisão de permanecer em França. Uma nova etapa do cinema em que os interlocutores migrantes afirmam a decisão de permanecer em França onde tiveram filhos e construíram património e em que Portugal ou o país de origem aparecem agora apenas como país de visita, de turismo, em que a ideia de regresso definitivamente parece abandonada e se questiona a identidade – franceses ou portugueses. Num e noutro lado, estrangeiros – portugueses em França, franceses em Portugal.

O regresso é um tema persistente ao longo dos tempos no processo migratório. Os emigrantes portugueses referem saudade e desejo de voltar com um estatuto novo de entrada na comunidade de origem após um curto período de estada no estrangeiro. Este sonho ou propósito vai-se desvanecendo ao longo dos anos. O tempo de migração prolonga-se. Os filhos e as redes sociais e, por vezes, a construção ou reabilitação da casa no país de acolhimento e as dificuldades de integração após a situação de retorno criam maiores dificuldades numa tomada de decisão em relação ao regresso: “On ne revient jamais au pays qu'on a laissé... parce que même quand on revient le pays est déjà un autre” – como o refere José Vieira em *Le pays où l'on ne revient jamais* (2005). O filme aborda o percurso migratório do próprio realizador e da sua família que partirem com o sonho de um regresso breve. Também Nuno Pires realiza *Une nouvelle vie* (2006) em que encarara o regresso

como um novo processo migratório – começar uma nova vida.

As questões do trabalho e do empreendedorismo emigrantes perpassam estes filmes e modos muito variados. A emigração portuguesa é predominantemente económica. A procura de trabalho e prolongamento das jornadas de trabalho são meios para uma acumulação rápida de proventos que permitam o regresso e a reintegração com um estatuto económico mais favorável, a construção da casa e a criação de um negócio. A construção dos bairros e instalação de serviços (tasco, barbearia, mercearia, importação de produtos portugueses, viagens, emprego, entretenimento, associativismo, desporto, cultura, ensino da língua, construção ou melhoria da habitação, etc.), troca solidária ou monetária, nesses bairros são atividades empreendedoras. São também criadas associações culturais e desportivas, construção de instalações para as associações, criação de clubes desportivos que entram nas competições desportivas das sociedades de acolhimento, rádios, jornais e outros meios de comunicação de migrantes portugueses – destacando-se entre estes alguns criadores artistas e intelectuais - os cineastas portugueses que vimos referindo, mas também músicos Luís Cília e José Mário Branco, livreiros.

José Cardoso Marques, em *Maison de Portugal à Plaisir* (1997), documentário premiado em 1997, filma a construção da sede do Centro Cultural e Recreativo dos portugueses de Plaisir<sup>5</sup> e emigrantes portugueses empreendedores na construção civil seus percursos de migratórios, sua mobilidade social e empresas criadas em França e em Portugal. Filma igualmente, entre 1985 e 1990, trabalhadores migrantes, militantes e dirigentes sindicais, mas também cientistas, intelectuais e artistas que se notabilizaram em Paris. Estas imagens são retomadas no vídeo integrado no ensino da Sociologia das Migrações na Universidade Aberta em *Pioneiros de Descendente* (1995) de Rocha-Trindade, Horta e Ribeiro.

A representação de cientistas, intelectuais e artistas e de empresários bem-sucedidos é bastante escassa. Na música Luís Cília está presente em *Le Saut* (1967), a banda sonora do filme inclui algumas das canções deste cantor e compositor. Mas também na vida obra de José Vieira, emigrado ao 7 anos de, Vilar de Frades se confronta em Paris - no Bidonville de Massy, aos 16 anos, com as mudanças políticas em Portugal (revolução de abril) através das canções de Luís Cília e José Mário Branco que conheceu e mais tarde viriam a ser personagens de seus filmes. Desde muito cedo torna-se militante nos movimentos cívicos dos emigrantes, no FASTI – movimento de solidariedade com as pessoas imigradas e nascidas nos anos sessenta nos bidonvilles da região parisiense, no CEDEP – Coletivo de Estudos e Dinamização da Emigração Portuguesa assumindo a responsabilidade pela produção audiovisual. Como acima referimos, José Vieira viria a documentar os seus percursos em *Le printemps de l'exil* (2009).

A construção da “casa de emigrante” em Portugal, objeto das mais controversos debates e reações

refletindo estigmas e estereótipos do emigrante, constituem um contributo relevante para resolução da carência e das condições de habitação em Portugal. E como refere Ana Saraiva

Entre 1970 e 1990, as “casas de emigrantes” foram parte visível do processo de mudança cultural da ruralidade para a pós-ruralidade em Portugal, num ajustamento do global ao local através de modelos universais com especificidades locais (Canclini, 1995). Em certa medida, estas construções ajudaram a marcar o fim das casas do trabalhador agrícola, às quais o emigrante não queria voltar porque o remetiam para aspetos do passado e para a imagem da miséria. Estas casas expressam ainda a mudança de um modelo de construção estabilizado entre proprietário e construtor de conceção assente num saber difundido oral e geracionalmente, para um modelo participado por um grupo de intervenientes mais alargado e que passava a ser alimentado pela fusão e pela experimentação (Saraiva, 2013: 11).

O cineasta francês Philippe Constantini e Anna Glogowsky realizaram *Terra de Abril*, INA, França, 1977; *Les cousins d'Amérique*, INA, França, 1984, *L'horloge du village*, INA, França, 1989 rodados no interior norte de Portugal, Vilar de Perdizes, Montalegre, nos Estados Unidos, Massachusetts e nos arredores de Paris - Meudon, Haute-de-Seine. Na parte final do filme *Terra de Abril* (Vilar de Perdizes) (1977), faz uma referência explícita às migrações a partir da construção de uma casa que acompanha que acompanha a duas ações interpolados do filme – a vida quotidiana da aldeia em dia de reflexão e votação para a Assembleia Constituinte e a preparação e representação do Auto da Paixão. Sublinha o contraste entre duas ações mas também o contraste entre as antigas casas de pedra e a nova de tijolo, as casas pequenas e a casa grande, a casa do lavrador e a casa de emigrante. Só o emigrante pode construir a casa os outros mal ganham para comer, dizem os locais. Nos outros filmes que constituem a trilogia de filmes de Philippe Constantini e Anna Glogowsky sobre Portugal *Les cousins d'Amérique* (1984) e *L'horloge du village*, 1989 abordam também a construção da casa do emigrante. No primeiro, rodado em Vilar de Perdizes onde um emigrante constrói uma imensa mansão, estilo americano, com uma enorme piscina interior e em Massachusetts onde o é pequeno empregado. A casa confina a megalomania. O seu proprietário afirma que quando vem de férias trabalha muito para a fazer a casa que sua mulher ainda não conhece a não ser por fotografias. Em Massachusetts recriam a cultura local de Vilar de Perdizes - matança do porco, cultivo da vinha, as redes de sociabilidade. Praticam clandestinamente, num terreno vazio, certos atos proibidos nos EUA como a matança do porco. Embora tenham trocado o mundo rural tradicional pelo mundo pós-industrial, seus comportamentos adaptam-se a esta situação conciliando no seu quotidiano práticas pertencentes a um e outro dos mundos em presença. Esta conciliação é uma constante na emigração dos anos de 1960 e 70 para a Europa em que o nacional

não medeia a ligação do local com o transnacional. No segundo filme regista a vida quotidiana de um casal, originário de Vilar de Perdizes, na região parisiense. A mulher é empregada doméstica em Meudon (comunidade na região administrativa de Île-de-France, no departamento de Haute-de-Seine, na periferia sudoeste de Paris) e seu marido taxista (chauffeur de táxi). Constantini aloja-se, durante as estadas em Vilar de Perdizes durante a realização do filme, numa casa enorme e bem mobilada que este casal construiu e que contrastava com o exíguo alojamento em Paris e mesmo com os apartamentos onde fazia limpezas. O realizador assume um posicionamento de maior proximidade, filma a partilha e a relação construída com o casal e a vinda desta família a Portugal.

Como afirma Ana Saraiva

Paradoxalmente, as casas que pressupunham uma mobilidade social e simbolizavam o progresso das aldeias suscitaram crítica na opinião pública, particularmente por parte de intelectuais e profissionais ligados à produção do espaço, que as consideraram detratadas da paisagem. As suas reações refletiam estigmas e estereótipos do emigrante. Os residentes, esses dividiam-se entre o elogio e a crítica, em função de fatores como a ligação afetiva e a identificação com o percurso de vida destes indivíduos. Uns viam nas casas a concretização de uma atitude de coragem e de sucesso dos emigrantes, com contributo para o progresso local. Outros encaravam-nas como produtos da atitude altiva, arrogante e invasora, num desrespeito para com os valores de equilíbrio da aldeia" (Saraiva, 2013, 11).

A representação fotográfica da imigração portuguesa no centro da Europa mais relevante deve-se a Gérard Bloncourt<sup>6</sup>, e destas a fotografia *La petite portugaise du Bidonville – fotografia falada* de Carlos Viana, 2014. No entanto fotógrafos célebres como Cartier Bresson e muitos outros fotógrafos amadores e profissionais orientaram suas objetivas para a realidade portuguesa em França e Portugal. Destacam-se as fotografias realizadas por sacerdotes católicos que acompanhavam os migrantes portugueses em França e cujo acervo disponibilizaram para investigadores e para trabalhos de investigação no âmbito de pós-doutoramentos em cinema.

Com as mudanças políticas de 1974 a emigração passou a estar na agenda política, embora não tanto, como esta persistente situação de migrar exigiria quer pelo importante valor das remessas dos emigrantes, quer pelas transformações que a emigração paulatinamente opera em Portugal.

O primeiro filme abordando a temática da emigração, rodado em Portugal, após Abril de 1974, foi *O dia do emigrante* (1975), uma curta-metragem, produzida pela Unidade de Produção Cinematográfica nº 1, Instituto Português do Cinema. Trata-se de um registo cinematográfico do ato comemorativo – Dia do Emigrante.

Uma das investigadoras, estudiosa das migrações,

que deu particular atenção a estas representações e que iniciou o género sobre as temáticas das migrações foi Maria Beatriz Rocha-Trindade, que entre os anos de 1984 e 1986, foi autora de cinco filmes (videogramas) *Festa do Emigrante em Fermentelos*, *Festa de Nossa Senhora dos Remédios-Lamego*, *Peregrinação dos Emigrantes a Fátima* em 1984 e *Inauguração do Monumento ao Emigrante* em S. Pedro do Sul e Festas de Campo Maior em 1986. Os objetivos destes filmes foram assim definidos pela autora: 1) "dar aos portugueses habitantes do interior do Território nacional, e também aos que vivem fora do país, o prazer de reviver as próprias origens. Mostrar aos estrangeiros um aspeto essencial da cultura portuguesa, o fenómeno da emigração"; 2) "dar aos portugueses que vivem no estrangeiro, ou mesmo em Portugal, o prazer de reatar os laços com as origens"; 3) "dar aos residentes e aos emigrantes, o prazer de reviver as próprias origens; mostrar aos estrangeiros dois aspetos essenciais da cultura portuguesa, o fenómeno da emigração e a ligação à religião católica"; 4) "apertar os laços que unem os portugueses que vivem fora do país aos que permanecem na sua terra, e dar a conhecer aos estrangeiros o fenómeno da emigração"; 5) "dar aos residentes e aos emigrantes o prazer de reviver as próprias origens e mostrar aos estrangeiros um aspecto tradicional da cultura portuguesa".

*EMIGR/Antes... e depois?* É uma longa-metragem de António Pedro Vasconcelos, produzida pelo CPC – Centro Português de Cinema, realizada em 1976. O filme aborda, num contexto de extrema instabilidade e efervescência política – Agosto de 1975, a vinda de férias dos franceses<sup>7</sup>, de milhares de emigrantes provenientes da França e da Alemanha, focalizando algumas famílias de emigrantes, que fixam os dias das cerimónias religiosas (casamentos, procissões) e festividades tradicionais (touradas na raia) que então se celebram em função desta vinda dos emigrantes. Rituais de passagem, festas e os rituais locais, processos sociais, contexto político são documentados a partir da vinda dos emigrantes da região da Guarda. O filme tem a importância histórica de documentar a relação dos emigrantes com o país. Maior importância ainda pois tratava-se de uma época eufórica em que os emigrantes adquiriam, pela primeira vez, o direito de retorno/regresso para passarem férias e contactarem com as famílias, a cultura local e a nova realidade/situação política que o tornara possível.

Trinta anos depois, em 2001, um realizador português João Canijo constrói um olhar semelhante, exterior a esta comunidade portuguesa, empenhado em penetrar profundamente na comunidade no tempo presente, início do século XXI. Trata-se do filme *Ganhar a vida*<sup>8</sup> (2001 - 114m), uma coprodução franco-portuguesa rodada nos arredores de Paris. Cidália tem 36 anos, é portuguesa, e vive com a família, marido, irmã e dois filhos, num bairro dos arredores de Paris, numa comunidade fechada sobre si própria e que não gosta de dar nas vistas (não quer ser notada, quer manter-se invisível). A sua vida resume-se a trabalhar muito (nas limpezas), para juntar dinheiro guardado religiosamente para construir a casa, quando um dia,

que não se sabe quando e sempre parece que nunca chega, voltar a Portugal. Numa noite, seu filho mais velho é morto pela polícia que fornece explicações oficiais pouco credíveis. Cidália pretende mobilizar os vizinhos para uma ação de reivindicação de justiça. As reações são as de recusa sobre o pretexto de que – “é preciso não dar nas vistas”. Inconformada com as explicações oficiais e com a passividade da comunidade e da sua própria família, Cidália revolta-se e quebra a lei do silêncio em que se escondem os “tugas”, com medo de represálias e xenofobias. Ao revoltar-se contra tudo e todos, num caminho de expiação da morte do seu filho, Cidália vai ganhar verdadeiramente a vida.

Esta representação da concierge, mulher, emigrante portuguesa em França, está presente em alguns filmes de referência, representadas pela mesma atriz – Rita Blanco. Em *L'Amour* de Michael Haneke (2012), Palma de Ouro no Festival de Cannes e em *La cage dorée / Gaiola Dourada* do franco-português Ruben Alves (2013).

*Ganhar a Vida* é uma ficção baseada em estratégias de documentário, sobre a violência urbana e confrontos de grupos étnicos com a polícia que atinge a imigração e os HLM, na periferia de Paris. A maior parte dos atores de *Ganhar a vida* são elementos da comunidade enquadrados por profissionais idos de Portugal. O filme de João Canijo propõe um jogo de representações entre a cultura de origem centrada sobre o trabalho, as referências anglo-saxónicas de jovens luso-descendentes e os regimes contemporâneos de afirmação da individualidade fundados na tecnologia, nomeadamente na imagem vídeo, e o problema complicado da sua capacidade objetiva de fazer prova. As mulheres marcam no filme uma posição autónoma quer em relação ao regresso, quer em relação à visibilidade e à luta contra a violência policial.

Em *L'Amour* a concierge<sup>9</sup> e seu marido marcam uma réstia de humanidade face à desumanização dos serviços de saúde franceses perante os processos de degradação física e psicológica decorrentes da velhice e da doença de a doença de Alzheimer.

Se em *L'Amour* (2012) a concierge tinha um papel muito curto, embora com o significado importante

na tonalidade do filme, em *La cage dorée / Gaiola Dourada* (2013) a concierge, de novo Rita Blanco, é a protagonista do filme. Maria, Rita Blanco e José Ribeiro, Joaquim de Almeida são um casal de imigrantes portugueses na França. Moram num bairro nobre de Paris. Ela é concierge ele trabalha nas obras, é encarregado. Ambos são profissionais competentes mas nem sempre respeitados pelos empregadores. O sonho do regresso concretiza-se com uma herança deixada por um irmão com quem José Ribeiro tem um conflito irreparável. As ambiguidades entre partir e ficar, entre permanecer português ou ligar-se à cultura e nacionalidade francesa dá origem a múltiplas peripécias desta comédia que explora os estereótipos da emigração portuguesa em que a competência no trabalho e a ligação à comunidade portuguesas... estereótipos.... Etc...

A partir do exercício de funções de concierge muitas mulheres organizaram pequenas empresas de serviços domésticos e em empresas por vezes associadas a pequenos empreiteiros ou subempreiteiros que começaram pelo trabalhos nas obras para empreenderem a sua mobilidade social e a função de mediadores entre os bairros periféricos ou a comunidade portuguesas e as grandes empresas de construção. Estas representações estão presentes em alguns filmes – José Vieira, José Cardoso Marques, Ruben Alves... Este o caso de migrantes portugueses em Andorra.

## Do Cinema para a Televisão e para as Redes Sociais tecnologicamente mediadas

Se após 1974 a emigração começou a ser objeto da representação cinematográfica também a televisão se interessou pela temática. É porém com as profundas transformações tecnológicas que afetam os meios de comunicação a partir da década de 1990 e com a criação dos canais privados de televisão (SIC – 1992, TVI – 1993) que o fenómeno migratório se torna particularmente visível. Destes destacamos a série da Radio Televisão Portuguesa - Portugueses no mundo<sup>10</sup> realizadas em sete temporadas, entre 2010 e 2015. É nomeado para Melhor Programa de Informação Cultural nos VI Troféus TV7 Dias.

Temporada	Episódios	Exibição original		Edição DVD
		Princípio	Fim	
1	8	19 junho 2010	11 setembro 2010	4 agosto 2011
2	8	15 dezembro 2010	29 janeiro 2011	19 julho 2012
3	8	3 fevereiro 2011	3 abril 2011	
4	13	14 agosto 2011	22 junho 2012	
5	25	13 de julho 2012	8 fevereiro 2013	
6	13	15 fevereiro 2013	10 maio 2013	
7	14	10 fevereiro 2015	27 fevereiro 2015	

Figura 2 Fonte: RTP

Esta série, adaptação portuguesa do programa espanhol *Españoles en el mundo*, dá a conhecer a realidade de cidadãos portugueses que escolheram outro país para viver ao mesmo tempo que estes nos dão a conhecer a cidade onde agora vivem. Em Espanha esta série desdobrou-se em múltiplas outras *Galegos no Mundo*<sup>11</sup>, *Madrileños em el Mundo*<sup>12</sup>. Estes programas televisivos foram acompanhados pela criação de sites oficiais nos canais televisivos e com páginas oficiais no facebook. O programa tem uma forte componente de entretenimento e vocação turística.

*Portugueses no mundo*<sup>13</sup> foca o seu interesse em jovens, sobretudo jovens criativos – artistas, cientistas. Muitos destes jovens iniciaram seu percurso migratório com a formação em áreas científicas inexistentes em Portugal ou em escolas e universidades de referência acabando por permanecer no país de acolhimento como freelancers, integraram-se na profissão e no país e ideia de retorno não se configura no seu projeto de vida. Esta série televisiva não deixando de representar percursos migratórios de jovens portugueses é sobretudo centrada na apresentação de novos estilos de vida e trabalho (Cancini) sem deixar de constituir um guia turístico das cidades vista por estes jovens suscetível de atrair outros jovens para o processo migratório, para o turismo ou para a aventura. Portugueses no mundo é produzido e realizado por uma generosa equipa de 26 profissionais e estagiários.

As histórias de cada programa irão entrelaçar-se umas nas outras e serão bem diferentes entre si, baseadas nas características individuais dos entrevistados, nas suas famílias, nos seus amigos, nos seus colegas de trabalho. Alguns protagonistas serão mais exuberantes, outros mais ponderados; alguns estarão totalmente adaptados à nova realidade que lhes cabe viver, outros estarão a dar os primeiros passos. O único rasgo distintivo que se repetirá em todas as histórias e, por conseguinte, ao longo do programa e do ciclo, é que todas serão dinâmicas, ágeis e terão como cenário um país ou um lugar. RTP - [www.rtp.pt/programa/tv/p26498](http://www.rtp.pt/programa/tv/p26498).

Portugueses em Londres II foi emitido pela RTP em 23 de dezembro de 2010 e aborda o quotidiano de 6 jovens, 3 mulheres e 3 jovens: Miguel Domingos, 29 anos, originário de Portalegre, insatisfeito com a Universidade que frequentava em Lisboa. Foi para Londres frequentar a uma escola de referência na fotografia de moda Central Saint Martins. Trabalha como freelance como fotógrafo de moda procurando um olhar singular que o diferencie. Social e profissionalmente bem integrado revela a sua participação na London Fashion Week. Nuno Silva, 33 anos de idade é originário de Lisboa é cantor e Bailarino. Em 1997 acabado de sair do conservatório de teatro de Lisboa emigrou para aprofundar os conhecimentos nas artes performativas – dança canto e teatro. Trabalha na Royal Opera House como performer. Maria Navais, 24 anos, originário de Lisboa, estudante de arqueologia foi para Londres,

com o namorado que estuda e trabalha num bar, para fazer o mestrado em arqueozoologia e a intenção é de continuar esta aventura por outros países – a Austrália. Madalena Vasconcelos, 33 anos, originária de Lisboa, artista. Faz parte de uma cooperativa de artistas que reúne mais de duas dezenas de artistas. Criou o clube das artes. Rui Correia Gonçalves, natural de Moçambique, 39 anos de idade. Era advogado em Portugal foi para Londres fazer o doutoramento e, convidado, é professor da Universidade de Londres onde ensina direito comunitário. Santa, Fotógrafa de Moda, 32 anos, natural de Viseu. Frequentou como Domingos a universidade em Portugal a escola de fotografia de moda Central Saint Martins e é fotógrafa de freelance. Apaixonada por Londres desde a infância de onde os pais lhe traziam os brinquedos que a fascinava e a diferenciava das outras crianças. Longe está qualquer ideia de regresso.

O modelo de portugueses pelo mundo em... Foi imitado por alguns canais no Youtube ou em televisões locais, como em Turivaijar: Portugueses sobem na vida social de Andorra<sup>14</sup>.

A convergência cultural, dos media e das sua utilização, em Portugueses pelo Mundo é menos orgânica que Espanhóis em el mundo. Na verdade Portugueses pelo Mundo, tem um site oficial na RTP com escassa informação mas no facebook proliferam as páginas portuguesas pelo mundo ou portuguesas em... Numa busca no Google identificamos em Abril de 2015 algumas dezenas de Portugueses em Londres com milhares de aderentes aos grupos – uns fechados outros abertos, uns generalista outros específicos – grupos profissionais, emigração nova, unidos, etc... Destacamos alguns: *Portugueses em Londres*<sup>15</sup> (Grupo 5.966 aderentes), *Portugueses em Londres Organização*<sup>16</sup> (Página 10453 likes), *Portugueses em Londres*<sup>17</sup> (Grupo 14715 aderentes), *Novos Portugueses em Londres*<sup>18</sup> (Grupo 3481 aderentes), *Enfermeiros Portugueses em Londres*<sup>19</sup> (Grupo 575 aderentes), *Arquitetos portugueses em Londres*<sup>20</sup> (Grupo fechado 90 aderentes). Também Portugueses em Andorra tem uma diversidade de páginas e grupos de auto documentação no facebook: *Portugueses em Andorra*<sup>21</sup> (Grupo público 1734 aderentes), *Portugueses residentes em Andorra* (grupo fechado, 1870 aderentes), *Grupo de homens portugueses em Andorra*<sup>22</sup> (grupo fechado, 12 aderentes).

Contrastando *Tu vois!? Nos voix ont des voies! Diambulations européenne au croisement de Paris* (2014) de Giulia Prada et Pedro Fidalgo, documentário realizado no âmbito de um atelier de iniciação ao vídeo, interroga os europeus de vários Países – Portugal, Itália, Grécia, Espanha e de África, sobre a noção de estrangeiro, de imigrante, de fronteiras, do sonho e da realidade da emigração. O filme é um percurso por várias cidades europeias e por várias manifestações contra formas de precaridade de jovens que se cruzam em Paris e se exprimem a múltiplas vozes sobre sua situação na Europa onde as fronteiras se diluem, persistindo, no entanto, muitas formas de discriminação. Em *Tu vois?* O emigrante

Africano em Itália expõe a diferença entre a viagem turística, promovida pela televisão, e a realidade das dificuldades de ser imigrante em Itália. Diz que os 6 anos de estada em Itália como emigrante, lhe permitiu ver a diferença entre o sonho da imigração alimentado pela televisão e a realidade. Distinguir o que faz os migrantes sonharem com imagens e o que é a verdade. Antes não era possível saber a diferença. Antes via tudo claro limpo, tudo ouro e diamantes, de forma alucinante que o faziam sonhar. Os sonhos acabaram. Acordei. Vou regressar.

Perguntamo-nos, para finalizar este trabalho, qual o valor para a investigação científica das imagens, dos filmes referidos e da documentação e auto documentação que as plataformas, as redes sociais (sociotécnicas) e outros dispositivos de interação online atualmente possibilitam? Não serão apenas materiais ou já serão, eles mesmos, um discurso, uma narrativa, um instrumento de análise e de síntese?

A resposta a esta questão não é simples. Exige uma reflexão e uma escrita mais prologada que os tópicos que aqui referiremos como ponto de partida para ulteriores pesquisas no âmbito do projeto acima referido.

No que se refere ao cinema poderemos afirmar que enquanto meio de acesso a um conhecimento tão rigoroso quanto possível da realidade, o filme de ficção contém perigos muito grandes mas também possibilidades proporcionais à dimensão desses perigos. O inquérito, a entrevista, pelo contrário, quando são honestamente empregues sem qualquer intenção de trucaçom ou de propaganda, apresentam, ao nível do registo imediato, uma grande garantia de autenticidade; por outro lado oferecem possibilidades muito mais reduzidas de aceder a uma estrutura verdadeira da realidade e por isso à significação dos factos que registam. Diremos ainda que a verdade o realismo, a coerência estética não resultam não resultam apenas da boa-fé, ética, esforço e talento individual mas também das dificuldades e limites que os media utilizado impõem à realização da obra criativa. A avaliação dos resultados de uma produção cinematográfica depende pois dos seus autores, dos caminhos percorridos, dos interlocutores envolvidos no projeto e das dificuldades inerentes à sua realização num tempo determinado. De qualquer modo as obras referidas são documentos excepcionais e valor artístico mas de relevante importância para o estudo multidisciplinar do fenómeno migratório e para entendimento das reconfigurações do conceito de empreender / empreendedorismo no presente projeto. Tem, necessariamente, exigências específicas ao nível do modo como medeiemo o conhecimento.

Quanto às redes sociais e auto documentação há também uma longa história que aqui não é possível contar mas apenas referir alguns pontos relevantes. Em primeiro lugar as redes sociais (sociotécnicas) tornam explícitas as relações entre os diversos atores sociais, importa encontrar uma metodologia adequada à sua descrição e interpretação sem, no entanto, deixarmos de ter em consideração eventuais formas de simulação umas semelhantes às das interações sociais presenciais, outras específicas

das interações mediadas tecnologicamente. A auto documentação e a pesquisa participativa é uma forte e segura tradição no estudo das migrações – histórias de vida, percursos migratório na primeira pessoa. Também no cinema – realizadores que filmam a partir da sua própria experiência de migração (Chaplin, Elias Kazan, ) ou os migrantes portugueses, acima referidos e outros, que realizaram filmes sobre a emigração portuguesa e atualmente os que produzem imagens do quotidiano e as disponibilizam nas redes sociais e nas plataformas. Estes constituem generosas fontes primárias de informação suscetível de ser trabalhada em projetos de pesquisa.

## Notas finais

<sup>1</sup> Christian de Chalonge à propos do film “O Salto” (Le Saut) <https://www.youtube.com/watch?v=RRNJm99052s>

<sup>2</sup> Os Ateliers Varan foram concebidos no Porto e as primeiras experiências de ensino pela prática do cinema iniciada em Moçambique após a independência. Em 1981 são criados os Ateliers que espalhar mesa formação por muitos países - <http://www.ateliersvaran.com/spip.php?article25>,

<sup>3</sup> Ver Thoughts. Anotar os dias é torná-los notáveis. <http://anotardiastornadonotaveis.blogspot.pt/2013/12/portugal-crise-demografica.html>

<sup>4</sup> Segundo os dados da OCDE e do Banco Mundial são 2.3 milhões de portugueses emigrados, mais de 20% da população portuguesa, 60% apenas com a escolaridade básica. As remessas constituem atualmente cerca de 1,8% do PIB. Entre 2012 e 2013, o valor das remessas recebidas em Portugal subiu 10% em termos nominais e 9% em percentagem do PIB. Observatório da emigração - [www.observatorioemigracao.pt](http://www.observatorioemigracao.pt)

<sup>5</sup> A casa de Portugal em Plaisir, construída entre 1990 e 1995, institui-se como um padrão Português em França, como polo difusor da língua portuguesa e como lugar de convívio dos portugueses “local onde as pessoas se sintam bem, onde possam conviver, reviver e relebrar as nossas tradições, usos e costumes e ainda para que as crianças de hoje, olhem no futuro, para este Padrão Português erguido em terras de França e se orgulhem de ser portugueses”. Mantem uma intensa atividade desportiva e cultural, acolhimento de jovens, ensino do Português, acesso virtual aos serviços consulares. <http://www.casadeportugaldeplaisir.fr>

<sup>6</sup> <http://bloncourtblog.net/2015/01/exposition-les-immigres.html>

<sup>7</sup> <http://bloncourtblog.net/2015/01/exposition-les-immigres.html>

<sup>8</sup> Objecto de outros meios criativos como a literatura e dos *media* muitas vezes de forma estereotipada.

<sup>9</sup> O filme assemelha-se ao filme de Mathieu Kassovitz, *La haine* (1995) em que se encenam as guerras nos bairros periféricos de jovens étnicos com a polícia e suas consequências.

<sup>10</sup> Interessante o fato de o realizador Michael Haneke ter procurado atrizes das comunidades estrangeiras cujos migrantes exerceram as funções de concierge. Fê-lo baseado no desempenho de Rita Blanco em *Garhar a Vida*. Tendo mesmo testes com atrizes espanholas, decidiu-se por Rita Blanco, impedida por outros compromissos, levou o realizador a esperar até ela poder participar.

<sup>11</sup> <https://www.facebook.com/portuguesespelomundo>

<sup>12</sup> Em Galegos no mundo, os espectadores poderão conhecer os locais referenciados nos episódios a partir do olhar e das vivências das pessoas emigradas relacionadas com sua inserção social, formas de vida, gastronomia, monumentos, dados, rituais, língua e suas variantes, enfim tudo o que desperte a curiosidade do espetador. Método do cinema direto: câmara ligeira ao ombro, luz natural, som direto, os

protagonistas falam diretamente para a câmara. <http://www.galegosnomundo.es/>

<sup>12</sup> Na Internet - <http://www.madrileñosporel mundo.es/>, no Youtube - <https://www.youtube.com/show/madrileñosporel mundo> no facebook - <https://www.facebook.com/Madrileñosporel mundo>.

<sup>13</sup> Proliferação de grupos Portugueses no Mundo como o programa da Antena1, Portugueses no Mundo - <https://www.facebook.com/Antena1 PortuguesesNoMundo> e mais algumas dezenas de páginas. A RTP – Radio Televisão Portuguesa tem página na Web para o programa - <http://www.rtp.pt/programa/tv/p26498>

<sup>14</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=4dJUCXQv0s0>

<sup>15</sup> <https://www.facebook.com/groups/portugueseslondres/?fref=ts>

<sup>16</sup> <https://www.facebook.com/PortugalemLondres?fref=ts>

<sup>17</sup> <https://www.facebook.com/groups/portugalemlondres/>

<sup>18</sup> <https://www.facebook.com/NovosPortuguesesEmLondres>

<sup>19</sup> <https://www.facebook.com/groups/348412785244428/?fref=ts>

<sup>20</sup> <https://www.facebook.com/groups/1561930237360161/?fref=ts>

<sup>21</sup> <https://www.facebook.com/groups/PortuguesesEmAndorra/?fref=ts>

<sup>22</sup> <https://www.facebook.com/groups/1515556062028035/>.

## Bibliografia

Cordeiro, Albano (2004) «Comment interpréter la faible participation civique des Portugais de France? Exception ou conformisme ambiant ? », Cahiers de l'Urmis, N°9, Portugais de France, immigrants et citoyens d'Europe e <http://urmis.revues.org/document34.html>, consultado em Janeiro de 2014

Hily, Marie-Antoinette e Meintel, Deirde (2000) "Fêtes et Rituels dan la Migration", V. 16, n° 2, AEMI.

Matos-Cruz, José de. 1999. O Cais do Olhar, Lisboa: Cinemateca Portuguesa.

Portuguese emigration: facebook 2014, Observatório da emigração [http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/?newsId=4093&file=OEm\\_Factbook\\_2014.pdf](http://www.observatorioemigracao.secomunidades.pt/np4/?newsId=4093&file=OEm_Factbook_2014.pdf)

Ribeiro, José da Silva (2004), "As palavras e as imagens na investigação em antropologia, práticas iniciáticas e novos desafios" em Migrações: História, Memória e Imagens, 191-220, Lisboa: Celta

Ribeiro, José da Silva (2008) "Cinema e migrações", Universidade de Santiago de Compostela.

Ribeiro, José da Silva (2009) "Ética, investigação e trabalho de campo em Antropologia e na produção audiovisual" doc-online, [www.doc.ubi.pt/07/doc07.pdf](http://www.doc.ubi.pt/07/doc07.pdf)

Ribeiro, José da Silva (2012) "Imagens e sonoridades migrantes. Mobilidade dos povos e imagens em Movimento" em Cole, Ariane Daniela e Ribeiro, José da Silva (org.) (2012), Antropologia, Arte e Sociedade, S. Paulo: Altamira Editorial. Pp 484-495.

Ribeiro, José da Silva e Horta, Ana Paula Beja (2009) BDISM – Base de Dados – Imagens e Sonoridades das Migrações - <http://ism.itacaproject.com/>.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1995) Sociologia das Migrações. Lisboa: Universidade Aberta,

Saraiva, Ana (2013) Expressões da(s) arquitetura(s) popular(es): Práticas e discursos de representação das identidades em IV Colóquio Internacional de Doutorandos/as do CES.

Sousa, A. Teixeira (1973) Trabalhadores portugueses e sindicatos franceses na Região de Paris: contribuição para o estudo das suas relações. Análise Social, Ano 10, N° 39, ICS pp. 508-551.

## Filmografia

*A Fotografia Rasgada*. 2005. De José Vieira. França. *Chronique de la renaissance d'un village*. 2013 De José Vieira. 504 Productions.

*Chroniques d'émigrés*. 1979. De Manuel Madeira. France.

*Fado Blues*, 1987. De José Vieira. CEDEP/ISM.

*Gens du salto*. 2005. De José Vieira. Paris: La Huit.

*Immigration portugaise en France, mémoire des lieux*. 2006. De Pierre Primetens, e Irene dos Santos. France: ARCADi.

*La crêche portugaise*. 1977. De Manuel Madeira. France.

*Le drôle de mai. Chronique des années de boue*, 2008. De José Vieira. Paris: La Huit.

*Le pays où l'on ne revient jamais*. 2005. De José Vieira. La Huit.

*Le saut*. 1967. De Christian Chalonge,

*Les émigrés*. 2009. De José Vieira. Aléas Production.

*Les Gens des baraques*. 1995. De Robert Bozzi, France.

*Les Solides*. 2014. De Pedro Fidalgo

*Le bateau en carton*. 2013. De José Vieira.

*Pátria Incerta*. 2006. De Gonçalves, Inês e Pimentel, Vasco Portugal

*Portugaise d'origine*. 1984. De Serge Godey France: Centopeia

*Tu Vois!? Nos Voix Ont Des Voies!* 2014. De Giulia PRADA e Pedro FIDALGO, France: Canal Marches - <https://www.youtube.com/watch?v=WkJtXvL0fcM>

*Une nouvelle vie*. 2006, DE Nuno Pires, <https://vimeo.com/45784829>

*Vieira, José (1995) La double vie des Rodrigues*, ZDF /Arte.

*Week-end en Tosmanie*. 1985. De José Vieira. CEDEP/ISM.